

AUDIÊNCIAS E CULTURA DIGITAL

**PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS
DE COMUNICAÇÃO, MÍDIA E
REDES SOCIAIS**

LEONEL YÁÑEZ URIBE

Yáñez Uribe, Leonel, autor

Audiências e cultura digital: problemas contemporâneos de comunicação, mídia e redes sociais / Leonel Yáñez Uribe. -- Primeira edição. -- Bogotá: Ecoe Ediciones, 2024.
194 páginas.

Inclui o curriculum vitae do autor -- Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-958-508-258-8 (digital)

1. Audiências 2. Meios de comunicação em massa 3. Comunicação e cultura 4. Redes sociais on-line 5. Cultura digital

CDD: 302.23 ed. 23

CO-BoBN- a1135289



Área: *Computação e tecnologia da informação*

Subárea: *Estilo de vida digital e o mundo on-line*

ECOE
EDICIONES

© Leonel Yáñez Uribe

© Ecoe Ediciones S.A.S.
info@ecoeediciones.com
www.ecoeediciones.com
Carrera 19 # 63 C 32
Teléfono: (+57) 321 226 46 09
Bogotá, Colombia

Primeira edição: 2024

e-ISBN: 978-958-508-258-8

Coordenadora Editorial: Ana María Rueda G.
Coordenadora de Produção Editorial:
Alejandra Rondón Forero
Editor de aquisições: Alejandra Cely R.
Revisão: Andrés Díaz
Diagramação: Paula Andrea Cubillos G.
Capa: Wilson Marulanda Muñoz
Tradução: Deepl SE, Valeria Rondón Rincón

*A reprodução total ou parcial por qualquer meio
é proibida sem a permissão por escrito do detentor dos direitos autorais.*

Impresso e fabricado na Colômbia - Todos os direitos reservados

Este trabalho tem o objetivo de motivar conversas com colegas e alunos das áreas de comunicação e jornalismo, cultura, antropologia e sociologia.

Contribuíram para tornar possíveis as leituras e os escritos, minha companheira de vida, Patricia Ramírez Aguilar; meus colegas da Universidad de Artes y Ciencias Sociales (U. ARCIS); meus companheiros de viagem em pesquisa e reflexão, Federico Schumacher Ratti e Juan Pablo Arancibia Carrizo; e Pablo Antonio Cottet Soto, com quem nos acompanhamos há mais de 40 anos, em amizade, fraternidade e, é claro, nas extensas conversas que deram vida a este texto. Muito obrigado a todos eles.

ÍNDICE

PREÁMBULO	XI
INTRODUÇÃO	XII
CAPÍTULO 1: SERES ATIVOS NA COMUNICAÇÃO	1
CAPÍTULO 2: O FENÔMENO DAS AUDIÊNCIAS NA HISTÓRIA DE MIDIATIZAÇÃO	5
2.1 As bases fundamentais da teoria da comunicação.....	6
2.2 Novas abordagens para o mesmo problema: abordagens que renovam compreensão dos fenômenos de comunicação social.....	10
2.3 Transformações no campo da comunicação	21
CAPÍTULO 3: A IDADE DO COMUNICANTE	41
3.1 Modernidade: do capitalismo industrial ao modo de informação de produção	42
3.2 O acúmulo original de informações: as informações como fonte de riqueza.....	61
3.3 Cultura na sociedade da informação e da comunicação	72
3.4 Os atores da comunicação: o sujeito na transição de época.....	96

CAPÍTULO 4: EM DIREÇÃO A UM MAPEAMENTO DAS AUDIÊNCIAS:	
AUDIÊNCIAÇÃO CONTEMPORÂNEA	113
4.1 Comunicação como um processo.....	114
4.2 Lógicas de reconhecimento: transformações do contrato/ relacionamento.....	122
CAPÍTULO 5: ALGUMAS EXPLORAÇÕES SOBRE OS FENÔMENOS ATUAIS DE AUDIÊNCIAÇÃO POR MEIO DE EXEMPLOS: INTERPRETAÇÃO DE COMUNIDADES DE AUDIÊNCIAS	137
5.1 As audiências residentes, próprias no âmbito local-comunitário.....	139
5.2 Audiências na comunidade de música acusmática	147
5.3 Audiências de navegação na rede de redes	158
CAPÍTULO 6. SÍNTESE	175
REFERÊNCIAS	187

PREÂMBULO

Gerar novos conhecimentos sobre as transformações nos processos de comunicação contemporâneos, particularmente no campo da “audienciação” ou comumente conhecido como “audiências”, é uma preocupação compartilhada com meus colegas e também com colegas de outras disciplinas. Por essa razão, ao observar a relação entre os processos de produção, circulação e reconhecimento do sentido, lugar constitutivo do ser humano e historicamente atualizado, é possível observar transformações com impacto na sociedade como um todo. Por isso, o tema das tecnologias de comunicação e da produção de sentido me permitiu identificar e compreender as características do processo de transformação dos fenômenos de audiência em públicos, ou seja, quando nas sociedades atuais a comunicação adquire uma centralidade singular, e o ser (humano) é um ser ativo que se tornou em “comunicante”.

As conclusões ou contribuições deste trabalho podem ser resumidas como: a) uma crítica dos fundamentos dos estudos de mídia sobre públicos ou uma crítica da teoria da comunicação; e b) uma crítica da técnica - como um fetiche - ao destacar as transformações comunicacionais contemporâneas nos processos de incorporação de novas tecnologias de informação e comunicação, como uma produção histórica de sentido e, portanto, constitutiva na configuração da história humana.

Com isso, é possível levantar um discurso para testar a hipótese de que o ser social no atual processo de individuação passa por transformações de natureza societal, não imaginadas no século XX. Ou seja, um novo século que prenuncia um forte salto na forma já midiaticizada da vida humana.

INTRODUÇÃO

O tema das tecnologias de comunicação e da produção de sentido corresponde a um campo de problemas que tem sido estudado a partir de diferentes posições, consolidando-se em meados do século XX como um campo de estudos mediológicos (Wolf, 1987); em seguida, cedeu lugar criticamente a outras abordagens, desde estudos associados a tradições com referências na Escola de Frankfurt e na Escola de Birmingham, até as perspectivas latino-americanas do final do século XX e início do século XXI, que transitam entre os campos do poder/política (Mattelart, 1997), as mediações do eixo comunicação/cultura (Martín-Barbero, 1988; Orozco, 1991) e a hipermídia e as hiperindústrias culturais (Cuadra, 2008; Scolari, 2008), para citar os mais relevantes ou divulgados.

Especificamente, o campo das audiências e as transformações dos processos de comunicação permitem reunir a comunicação (seus processos), as tecnologias (seus suportes) e as audiências (sentidos e significados) em um mesmo campo de pesquisa. O objetivo é situar certas tradições na pesquisa sobre recepções/audiências, contribuindo para a representação de uma história das audiências/audiências, tornando visíveis as epistemologias que as explicaram, a fim de chegar a uma forma de compreendê-las, alguns percursos discursivos do ponto de vista da comunicação social. Ao fazer isso, o objetivo é contribuir para os estudos contemporâneos de audiência em três casos que se sobrepõem na vida cotidiana, cujos elementos exemplares podem ser encontrados em audiências sensíveis das artes contemporâneas, específicas da música acusmática. Por outro lado, as

audiências residentes localizadas, dos espaços de comunicação da comunidade local; e, os audiências ubíquas e deslocalizadas, dos espaços públicos virtuais, especialmente os conhecidos como redes sociais digitais (RRSS).

A relação entre o consumo de velhas e novas mídias nos permite refletir sobre a ampliação do alcance da tecnologia, agora não apenas como suporte, e a intensificação de sua penetração nos espaços da vida cotidiana, algo como a evolução do fenômeno da midiatização; seja como conhecimento-saber para o lazer e o entretenimento; para as estratégias políticas e os jogos de poder; por sua relação com as artes e as propostas estéticas; a educação e o conhecimento, ou pelo lugar que ocupam nos fluxos de informação jornalística, na opinião pública, na política e na democracia.

Parece que essa “condição comunicacional contemporânea” (Orozco, 2012) está provocando mudanças profundas nos processos e nas formas de comunicação. Essas transformações têm impacto nas relações sociais sistêmicas de cada pessoa; nas condutas e comportamentos, nas competências e habilidades, que não seriam outra coisa senão a evolução humana que transformou a espécie, onde dois marcos fundamentais servem de exemplo: o Neolítico, como a transição do ser transumante dos grupos nômades para os sentidos que começam a se desenvolver no assentamento comunitário; e, por outro lado, aquele momento em que aparece a midiatização (Verón, 2013), ou seja, a autonomia de certos processos produtivos com a mecânica moderna precedida de profundas mudanças no nível da cultura anunciadas pela imprensa de Gutenberg.

O desafio do texto é observar as continuidades e descontinuidades desses processos, em termos dos dispositivos da produção social da comunicação (Serrano, 2004). Por exemplo, a televisão e sua centralidade, até meados da primeira década do século XXI, pretendia ser e fazer história por meio de “um narrador que pertence a um metalugar” (Arancibia, 2006), a ideia de que a televisão é tudo. Atualmente, esse campo de audiências com múltiplas bordas deve ser interpretado considerando um novo campo teórico de comunicação proporcionado pela convergência de todas as mídias na Internet (Scolari, 2008): milhões de narradores e narrativas que transformam a lógica comunicacional de um para muitos, os processos predominantes de audiências entre multidões conectadas em que as lógicas interpessoais e de grupo dão outro significado à ideia de massividade. Esses meios de comunicação computadorizados - a externalização que produz a semiose social¹ - constituem a produção material

1 A “semiose social” é entendida como a dimensão de significação dos fenômenos sociais: o estudo da semiose seria o estudo dos fenômenos sociais como produção de significado, e a produção de significado é sempre discursiva, e toda produção de significado tem uma manifestação material.

manifesta da inteligência humana, o que Castells (2001) chama de “a integração de todas as mensagens em um modelo cognitivo comum”, ou o que, na perspectiva de Mumford (2017), apresentaria um historial para considerar uma nova máquina humana de produção, e não seria outra coisa senão a era da comunicação e da cultura digitais.

As formas de se comunicar e o lugar que as tecnologias continuam ocupando desde a história ancestral da produção de sentido até a contemporaneidade é o que move a escrita como forma de comunicação. Desde os gestos biológicos adquiridos, como primeira forma de contato com o ecossistema e solução de necessidades básicas (reprodução, alimentação), uma primazia compartilhada com outros seres vivos; acompanhados da consideração precoce do outro e o outro, ou seja, gestos produtivos cristalizados por meio das primeiras invenções ou rudimentos/usos, funcionais à interação com o ambiente que circunda a vida do *Homo sapiens*, uma secundidade que nos inter-relaciona; e, uma terceira, dada pelo pensamento, a capacidade de interpretar o mundo, toda a complexidade que revela nossas capacidades cognitivas da cadeia biopsicossocial², evolutiva e transformadora, própria da história da midiaticização, como possibilidade de representação conceitual (Verón, 2013), e formas de mediações na comunicação humana: o ser que interpreta seu ambiente e, dessa forma, o compartilha.

Cabe destacar que as lógicas que sustentam a epistemologia fundacional (teoria clássica da comunicação) explicam a comunicação extraíndo-a da condição humana (Stiegler), da história da midiaticização (Verón) e dos processos de individuação (Simondon), reificando, assim, seu marco produtivo, transformando a comunicação e suas condições de possibilidade (Kant) em meros instrumentos des-historizados. Torna-se necessário, então, recolocar como alicerces fortes, na base dos processos de audiênciação, a condição comunicacional contemporânea (Orozco, 2012) que considera o sujeito comunicante como ativo na comunicação, onde: a) estão envolvidos os sentimentos; b) o pensamento concreto localizado na reação ao ambiente e sua capacidade de gerenciá-lo; e c) o pensamento abstrato, lugar de interpretações e argumentações complexas, ou seja, “as três dimensões básicas de toda atividade cognitiva” do *Homo sapiens* (Verón, 2013, p. 34). 34).

A capacidade criativa do *Homo sapiens* para a linguagem é exteriorizada pela primeira vez com os primeiros instrumentos nascidos no período neolítico, quando ele trabalhou, modelou e criou meios a partir da pedra. A objetivação dos meios em coisas que são removidas de nossa constituição humana, entendendo-os como meros instrumentos, está inscrita na história da fundação da teoria da comunicação,

2 Verón se refere ao “biossocial”. Para todos os efeitos, integramos o psíquico a esse conceito, com a ideia de poder integrar toda a complexidade do ser humano.